

## O TRAUMA EM A DESUMANIZAÇÃO, DE VALTER HUGO MÃE

Lilian Greice dos Santos Ortiz da Silveira<sup>1</sup>; Ariane Ávila Neto de farias<sup>2</sup>; Mairim Linck Piva<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande – ortiz.greice@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande – arianeaneto@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal do Rio Grande – mairimpiva@furg.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute questões ligadas ao trauma na obra *A desumanização*, quarto romance de Valter Hugo Mãe, um importante escritor da literatura portuguesa contemporânea. A linguagem utilizada na obra é bastante poética e é por meio dela que temos acesso aos acontecimentos da vida de Halldora, uma menina que no início da narrativa tem apenas 11 anos e vai nos mostrar a dor da perda, uma vez que Halla acabou de perder sua irmã gêmea, Sigridur. A morte gera um trauma na pequena Halla que passa da infância à vida adulta ainda muito jovem e tem que enfrentar a solidão, a dor e a melancolia. Tais sentimentos acabam, no decorrer da narrativa, a unindo a Einar, personagem que também carrega traumas decorrente de fatos sofridos na infância. Além disso, outros personagens relevantes na obra são o pai e a mãe de Halla, Steindór, responsável pela igreja e a tia ursa, que está envolvida no evento que gerou o trauma de Einar.

Isto posto, entende-se aqui que os acontecimentos traumáticos do passado deixam sequelas na vida de Halla e Einar. A perda da irmã gêmea desencadeia um sentimento de tristeza e melancolia em Halla. Já Einar, não consegue relembrar o evento traumático que ocorreu em sua vida e, isso faz com que ele fique em uma constante busca pela rememoração do que desencadeou seu trauma que, conforme a narrativa progride, é revelado. Em ambos, o passado acaba deixando cicatrizes que tiveram origem nos traumas sofridos, fazendo com que eles não se sintam acolhidos pela comunidade em que estão inseridos. O sentimento de não pertencimento à Islândia acaba os unindo e a relação que se estabelece entre eles culmina na libertação final de Halla. Sendo assim, refletiremos acerca das marcas do trauma nas personagens mencionadas a partir de teóricos como SELIGMANN-SILVA (2003) e FREUD (2011).

A obra é narrada por Halla que relata como sua vida se modificou após a morte de sua irmã gêmea, Sigridur e também descreve sua vida na Islândia, além

de revelar a forma como é vista pelos membros de sua comunidade e as relações que mantém com as pessoas ao seu redor. A *desumanização* mostra o sentimento de tristeza de uma maneira poética e a linguagem utilizada é bastante elaborada. Em decorrência disso, o leitor é capaz de verificar que a poeticidade do texto contribui para que a dor da personagem principal seja compreendida e para que logo no início do livro se perceba que a morte de Sigridur desencadearia consequências na vida da irmã que permanece viva, mas que passa a ser vista como a irmã menos morta. Nesse sentido, a morte gera o trauma em Halla e provoca a melancolia na personagem. FREUD (2011) reflete acerca da melancolia e considera que uma perda sofrida pode levar a esse sentimento que é causado por algo não compreendido por quem sofre e que causa impactos na autoestima do melancólico.

Tais impactos são perceptíveis em Halla que não consegue se libertar da imagem da irmã, colocando-se em uma constante comparação com Sigridur. Quando a personagem relembrava dos momentos juntos da irmã, percebemos que Sigridur é apresentada como a pessoa que idealizava todos os sonhos que seriam vividos por ambas e que Halla se sente inferior, chegando a declarar que:

Eu sobrava. Não tinha o caráter da minha irmã. Percebia isso cada vez melhor. Seguira-a sempre. Ela, cheia de ideias e inspirações. Eu, oca, uma existência pela rama, a ganhar conteúdo pelo fascínio que ela exercia sobre mim. Não era nada a metade valiosa da nossa vida. Eu era a metade fraca. Teria sido apenas justo que eu morresse em troca dela. Toda maravilha que se queria das crianças estaria contido na Sigridur. Que nunca amaria o Einar. Ficaria empedenida, se fosse preciso, a fabricar um príncipe encantado que a quisesse e que dignificasse a povoação. Ela seria capaz de tudo. O seu sonho concebia tudo e todas as espertezas. O meu era apenas um modo rudimentar de a imitar. Pensei em muitas ocasiões que não éramos gémeas. Pensei que ela era genuína e eu apenas uma imitação. (MÄE, 2017, p. 126)

Com base na citação, verificamos o sentimento melancólico de Halla que acaba perdendo sua autoestima e se considerando como uma simples cópia incapaz de alcançar os objetivos que Sigridur tinha planejado em vida. Enquanto essa era cheia de “inspirações, valiosa e genuína”, Halla era “oca, fraca e rudimentar”, conforme descrito no excerto acima. Logo, podemos considerar que a dor de Halla é decorrente do trauma por ela sofrido e que ela sente dificuldades em superar as cicatrizes do passado.

## 2. METODOLOGIA

A partir do levantamento de teóricos que discutem questões relativas ao trauma e da leitura de *A desumanização*, selecionamos os teóricos que consideramos importantes no estudo proposto, tais como SELIGMANN-SILVA (2003) e FREUD (2011).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos considerar que a tristeza de Halla e Einar é causada pelos traumas sofridos. Para Halla, a morte da irmã ocasiona o trauma. Para Einar, o momento traumático faz parte de seu passado, mas ele não consegue assimilar o ocorrido porque sua memória bloqueou o trauma. Ademais, percebemos que é a morte que os une, pois Halla perde a irmã e ele o pai, sendo que suas dores são causadas pela morte.

Dessa forma, a história de vida de ambos motiva o sofrimento e não deixa brechas para o esquecimento. Em relação a isso, GINZBURG (2000) considera que “A história pesa sobre nós como um trauma difícil de assimilar, de compreender e de representá-la” (GINZBURG, 2000, p. 3). Nesse sentido, é penoso se livrar dos acontecimentos do passado e isso explica o processo árduo que Halla e Einar atravessam.

Ademais, a falta de solidariedade enfrentada por ambos também colabora para que a libertação do trauma seja custosa. Os personagens acabam sendo oprimidos pelo ambiente em que estão inseridos e pelas pessoas que os cercam. As possibilidades de enfrentamento das tristezas são restritas e a falta de alteridade deixa a luta desfavorável. GINZBURG (2000) afirma que “[a] opressão contribui para a desumanização [e faz com que] as possibilidades de emancipação e de liberdade individual sejam limitadas e questionadas.” (GINZBURG, 2000, p. 3).

## 4. CONCLUSÕES

O processo de amadurecimento revela a realidade difícil e provoca a desumanização. Quando Halla se torna adulta, deixa para trás seu eu livre e selvagem, mas se desumaniza. Todavia, a relação estabelecida com o Einar faz com que eles encontrem a sensação de amparo e são as vivências ao lado dele

que colaboram para que Halla fuja e sinta novamente a sensação do eu selvagem. Por fim, consideramos que a redenção de Halla ao final da narrative a partir de sua fuga se mostra como a possibilidade de um futuro menos desumano já que vemos a sensação de retorno ao eu do passado, um eu independente e selvagem, ainda que avulso, mas que não descarta a possibilidade de que ela finalmente encontre um local de pertencimento, afinal, com a fuga, ela consegue criar um novo futuro livre da comunidade que não lhe acolheu.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosacnaiy, 2011.
- GINZBURG, Jaime. Autoritarismo e literatura: a história como trauma. Revista **Vidya** 33, jan./jun. 2000.
- MÄE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- \_\_\_\_\_. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Revista **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, p.65-82, 2008.